



Semanario independente, humoristico, ilustrado e musical

Proprietario e director: Cesar Coimbra - Redactores: Anacleto R. d'Oliveira, Palermo de Faria, Emecé, Bento Mantua e João Bastos - Administrador: Xavier da Silva

Desenhos de A. Lacerda, C. Craveiro e J. Bastos - Directores musicas: Alfredo Mantua e Fernando Padua - Gravuras de Dumas

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Numero avulso 20 réis

Officinas de composição e impressão

Rua de S. Lazaro, 75, 2.ª - LISBOA

Toda a correspondencia deve dirigida ao administrador

A LIBERAL - R. de S. Paulo, 216 - LISBOA

Condições da assignatura: Série de 12 numeros - Lisboa e Provincias, 300 réis. Colonias, 400 réis. (Pagamento adiantado) - A cobrança pelo correio é augmentada em 100 réis - Não se attendem os pedidos de assignatura que não forem acompanhados da respectiva importancia

CAPRICHOS DA MODA

1858

a N.º

N.º



1908

Brindes aos nossos assignantes e annunciantes

O assignante ou annunciante que tiver no seu jornal o numero da sorte grande da proxima loteria terá direito a um decimo para a loteriaseguinte.



NOTAS SCIENTIFICAS

ESTUDOS DE OCCULTISMO

No entanto todos os que prestarem atenção ao modo como se succedem os acontecimentos, durante um periodo determinado, notarão logo que os dias felizes e aziagos não estão distribuidos ao acaso, mas que se succedem mais ou menos regularmente numa certa ordem. Durante um determinado numero de dias, produzem-se quasi exclusivamente acontecimentos felizes na vida de um individuo; depois começam de subito as cousas mais insignificantes a terem mau exito. De esta sorte, a um certo numero de dias felizes segue-se uma serie de dias aziagos. Percebeu-nos que o periodo completo, comprehendendo a totalidade dos dias felizes e aziagos, era de quatorze dias, no entanto sobre isto nada podemos apresentar de positivo.

Vamos terminar, repetindo novamente o que dissemos no nosso artigo anterior, quando tratámos da lei da reacção; ao leitor que se quizer tornar occultista, aconselhamos-lhe a que se applique desde já a estudos de esta natureza, analysando sobretudo os acontecimentos que interessarem a sua propria vida, na persuasão de que, quando vir esses acontecimentos repitirem-se com uma monotonia desesperadora, e com tal exactidão que podem chegar a ser prognosticados, as suas condições arrigar-se-hão de mais em mais, ao passo que virá tornar-se mais firme a sua fé nas leis moraes. A este estado do espirito, ha de seguir-se necessariamente o seu progresso moral, unico fim que o occultista deve ter em mira.

Uma cousa sobretudo ficará firmemente impressa no espirito do leitor — é que, munido do seu livre arbitrio pode livremente escolher o Bem e regeitar o Mal ou vice-versa; e esta convicção, firmada nos factos, estará muito superior a todas as discussões especiosas dos phylosophos, porque se appcia na experiencia adquirida á custa do seu trabalho, e porque contra factos bem observados nada valem theorias.

Afinal o problema do livre arbitrio tem sido mal apresentado, e é muito mais complicado do que á primeira vista nos parecia. A nossa vontade é inegavelmente soberana, e pode escolher entre o Bem e o Mal; mas muitas vezes nós não somos livres no nosso procedimento, mesmo quando não somos arrastados pelas paixões. O conjunto de forças a que nós chamamos destino proveita-se das boas qualidades ou efeitos do nosso caracter, para nos

obrigar a praticar actos, em consequencia dos quaes recebemos a recompensa ou o castigo de outros actos praticados anteriormente.

Nestas condições, a vontade humana, oppondo-se ao destino entra com elle em conflicto, procurando libertar-se da sua acção, estabelecendo-se uma luta, da qual sai vencedor umas vezes o destino, outras a nossa vontade.

Esperamos ter occasião mais tarde de nos fazer comprehender melhor sobre esta materia.

ARTHUR BENONI



Choros e... Chagas

Ao vate Manoel Chagas

Eu li o teu soneto, meu catita,
E ri, ri a bandeiras despregadas;
Riram comigo as pedras das calçadas,
A minha sopeirinha e mais o guita...

Como é que ficará o Santa-Rita,
Ao ler as tuas linhas descuidadas?
Rirá tambem com gosto das piadas?
(Eu creio que fizes-te-l'a bonita!)

Eu ouvi o choro d'elle pelas fragas
Echoando serra em serra tristes ais
Mais finos, mais cortantes do que adagas!

O' Chagas, um favor fazer-me vaes...
Não te assignes — por Deus! — assim com
Chagas,
Porque o fazes ainda chorar mais!

JOAQUIM NEVES

Viu-se Grego

Recordando...

(Um trecho de prosa)

— Recordar! — Quanto á nossa alma é grata, suave e doce e... carinhosa esta palavra.

— Recordar! — N'um menear da fronte em meio do declive da montanha da vida, olhar os rástos dos nossos passos e ver ao longe as florinhas do passado sempre garridas e viçosas que delineiam a trajetoria descripta.

— Recordar! — Estreitar contra o coração um ramo de saudades, flores colhidas na orla dos atalhos da infancia por onde todos passamos risonhos sem inquietações nem cuidados!

— Recordar! — é quasi voltar atrás!

— Recordar! — é aspirar ainda o viço d'essas flores!

— Recordar! — é cantar de novo as trovas aprendidas no nosso torrão — Natal, em manhãs de primavera ou noites de poesia!

N'uma hora em que me pungia o coração uma vágua tristeza que eu não sei d'onde nem porque me assaltou, foi

(lançando os olhos no passado) que vi d'entre as florinhas que m'o perfumaram, a flor que mais me prendeu a attenção e a que eu chamava: a minha flôr predilecta.

Maria! Essa flôr qual era?

Flor, oujas pétalas frêscas e carminadas me embriagava os sentidos e qual narcótico me fazia sonhar!...

Maria! Que pétalas são essas? Dizemo tu pessoalmente... eu quero vê-las de nôvo!

Qual a luz das manhãs primaveris da minha infancia aláda?

Quaes eram as estrellas — scintillantes estrellas! — que nas noites de poesia me deslumbravam a vista?

Quem era, Maria! essa flôr, quem?... Senão tu, (e bem o sabes!) As tuas rubas pétalas senão teus labios... A luz das manhãs de primavera senão os reflexos doirados das tuas lindas madeixas e as estrellas senão teus olhos, estrellas ou planetas porque elles são dois mundos aonde só imperam o Amor e a Meiguice, o Bem e o perdão, a felicidade e a paz! Mundos ou Ceus!... Paraizos ou eternidades!

Parece que os estou vendo, irradiando de aquella luz! — luz... que da outra luz faz sombra, fazendo da sombra luz!...

A. SANTA RITA

Musa Galhofeira

MOTTE

Senhora madre abbadessa
Não castigue as educandas.

Glosa

Ainda que mal pareça
Eu não mereço castigo.
Mas não se zangue commigo.
Senhora madre abbadessa,
Tenho culpa que isto cresca!
Bem tontinha já tu andas
E' por isso que mandas
Sahir da cella em fugida
Todas teem direito á vida
Não castigue as educandas.

TASSO

MOTTE

Diabos levem o amor
Que me faz d'estas partidas.

GLOSAS

Ao vêr-te, mimosa flôr,
Logo te fiz pé d'alferes,
Diabos levem as mulheres,
Diabos levem o amor.
Até já sinto calor,
Por te ir dar as despedidas,
Separaram-se as nossas vidas,
Já estou de monco cahido.
Diabos levem Cupido,
Que me faz d'estas partidas

TASSO.

Por via d'esse estupor
Ando muito arreliado,
Por isso digo escamado
Diabos levem o amor.
Por causa d'esse traidor,
E' que ha tantos suicidas,

E' elle o ladrão das vidas,
Por isso eu n'este anathema
Revelo o odio a essa hyena
Que me faz d'estas partidas.

ELMINO.

TRIO

I

Na densa escuridão do ceu da minha Vida,
Uma 'strella surgiu d'um brilho trancende!
E eu fiquei-me a olhal-a em extasis dolente.
Immerso no fulgor da luz appetecida!...

Ella fez reviver um peito moribundo!
Derramou na minh'alma o germen do Amôr!
Como a abelha subtil, voando flôr em flôr,
Vae lançar-lhe no seio um pó doce e fecundo!

Ebrio de luz e Amôr eu vi-me transportado
A's altas regiões do Sonho e Phantasia!
A Tristeza esqueci... e os golpes do meu
Fado!

E a noite assim tornada em refulgente dia,
(Chimerico sonhar d'um ente desgraçado!...)
Eu julguei-me feliz!... Sarcastica ironia!...

II

Essa luz que brilhou no ceu da minha Vida,
E que fez reviver meu coração descrente;
Esse effluvio d'amor, energico, potente.
Que electrizou minh'alma, exhausta e dolorida;

Essa aurora soberba em pleno rosicler,
Esse todo real da concepção mais bella,
Foi o rosto gentil da mais gentil donzella,
Foi a luz d'um olhar fulgente de mulher!...

E eu, pobre de mim! que desejava a morte
P'ra descanço final d'um'alma entristecida,
No mundo a vaguear sem Ideal, sem Norte,

Ao fitar um momento a sua imagem qu'rida,
Soluçando gritei n'um passional transporte:
Oh! dá-me o teu amôr... e eu dar-te-hei a
Vida!...

III

Prostrado como o crente, orando aos pés da
Virgem,
Meu pobre coração n'um masculino pulsar,
Par'cia qu'rer sahir do peito para mostrar
A chaga d'esse amôr de que ella era a ori-
gem!

Para quê? Para quê? Pois se ella o despre-
zou!...

A donzella gentil... mais pura do que a luz,
Em troca d'esse amôr que aos pés eu lhe
depuz,
Lançou-me com desprezo um olhar que me
matou!

Oh! Morte vem roubar-me o derradeiro
alento!
Eu não posso fruir um doce Sentimento!
O scalpello da Dôr meu peito trespassou

Descanço só terei na funebre jazida!
Sumiu-se pela Treva a 'strella que brilhou
Na densa escuridão do ceu da minha Vida!...

..Lx.º 2 de Fevereiro de 1909.

MAC-ILLERNO.

Um dia de reinado

(De MIGUEL PROVINS)

Angela Desvignot, formosa lavadeira que trabalhava aos dias em casa de sua mãe, havia sido eleita, no carnaval d'aquelle anno, rainha das rainhas.

Havia começado para ella uma vida maravilhosa, posto que hoje se tributem a essas rainhas de simulacro as mesmas homeuagens que ás verdadeiras soberanas.

Angela fora presenteadada com magnificos vestidos offerecidos pelo commercio parisiense, com joias de todos os generos. As mais importantes autoridades a haviam felicitado. Flores, perolas, diamantes, banquetes, nada faltara á sua apothose.

Terminadas as festas, a velha Devignot disse á sua filha que se deitasse cedo, pois que no outro dia tinha que mudrugar para se entregar novamente ao trabalho habitual — ir para o tanque lavar roupa.

Assim foi. No outro dia, ao amanhecer, a mãe chamou a.

—Vamos, filha, levanta te; já é tarde!

Angela—(meio estremunhada) Vem da parte da Embaixada?

A mãe—Que disparate!

Angela—Já disse. Só recebo depois das dez.

A mãe—Basta de asneiras. Temos o trabalho muito atrasado.

Angela—(vestindo-se) Que sorte tive, minha mãe, e quanto me hei divertido!

E olhando para uma infinidade de malas e caixas de papelão que enchiam o quarto, disse para a mãe:

—Antes de começar a lavar preciso arrumar tudo isto. Ajuda-me?

A mãe—Ajudo, sim, minha filha, mas ha de ser depressa.

Angela—Olhe, minha mãe, aqui está o vestido do coramento. A minha corôa, o meu sceptro! Nada tão bello como o dominio sobre as multidões.

A mãe—Lembra-te que temos quatro duzias de camisas para lavar.

Angela—Vamos já. Precisamos pôr um pouco de camphora no meu manto real. Olha, mãe, que rendas tão finas!

A mãe—Ora, minha filha, isso só pode ser usado pelas mulheres que têm cem mil francos de renda.

Angela—Sim, clamamos contra o luxo porque não o podemos ter. (Tirando das caixas um colar, umas pulseira e uns brincos). Que effeito produz uma mulher quando tem tudo isto em cima de si. Só se vê os olhos dos homens.

A mãe—Estás louca, Angela? Anda, vamos para o tanque, vae buscar o sabão, e quando acabares de lavar tens que engommar as camisas. Vae, vae para lá, que eu arrumo esta trapalhada no armario.

Angela—Mas arrume com cuidado. Olhe!... por um pouco não deixa cahir das mãos esse broche de torquesas, presente do conde de Pagamir.

A mãe retira se com um gesto de

hombros. Angela começa a trabalhar e dahi a momentos assoma á janella, precisamente na occasião em que passava Pedro Courot, um operario que já amava Angela antes da sua grandeza e que lhe declarára a sua paixão. O operario parou e fallou-lhe:

—Já voltou a minha rainha. Trágo-te um ramo de flôres.

Angela (friamente) Obrigado Courot. Pedro—Pode-se entrar?

E sem esperar a resposta, entrou na casa da sua amada.

Angela—Que o traz por aqui?

Pedro—Quanto tempo sem te vêr! Como estvas formosa com aquelle traje de rainha!

Angela—Não é verdade que me estava muito bem aquelle vestido de rainha, offerecido pelo municipio de Paris?

Pedro—Sim, estavas muito bonita, mas me agradas mais com esse vestido modesto que tens no corpo. Quando se tem vinte annos e uns olhos tão formosos como os teus, não são precisos joias nem vestidos.

Angela—Muito obrigada pelas tuas palavras.

Pedro—Francamente, noto em ti um não sei que, me perturba profundamente.

Angela—Metto te medo?

Pedro—Quem sabe! O que é certo é que não me atrevo a dizer o que penso nem a expressar o que o meu coração sente. Tenho impetos de me ajoelhar a teus pés e voltar a dizer que te amo.

Angela—Por Deus, Courot!

Pedro—Chama me Pedro... Teu Pedro! Não sou principe, nem rei; mas ganho dez francos por dia e sou o primeiro na minha officina. Posso casar-me contigo quando quizeres.

Angela—Veremos mais tarde.

Pedro—Mas não tinhamos combinado que nos casariamos breve?

Angela—Não havia um compromisso formal.

Pedro—Pois estava persuadido de que o compromisso era formal; mas se é preciso renunciar...

(Continúa)

VIOLETAS

As violetas têm alma
No perfume que nos dão.
São, como em tarde de calma
O sopro de viração.

Não tem o brilho da rosa,
Vivem rasteiras no chão,
Modestas, na cor mimosa,
Só fallam ao coração!

Para mim são as primeiras
Entre todas as preferidas,
Comparo-as ás grandes almas
Que se dedicam escondidas.

Se um dia depois de eu morta
Alguem de mim se lembrar,
P'las saudades que cá deixo,
Violetas vão trocar.

VIOLETA



FEITICEIRO DAS TREVAS

Consulente: José N. C.

O sr. N. C. é amante da Verdade e da Justiça, é de crer pois que continuando no bom caminho seja feliz.

Dedique-se ao estudo do Espiritismo e do Occultismo: leia nos astros que tem faculdades suficientes para comprehender no limite concedido pelo Eterno á Humanidade os misterios do Além.

Tem lido os estudos exarados neste semanario e firmados com o nome de Arthur Benom? Se o não tem feito, faça-o com attenção e comprehenderá que a sua missão sobre a terra é alguma coisa mais do que comêr, beber, dormir e divertir-se.

Se quiser dedicar-se ao estudo das ciencias occultas, convença se antes de tudo, dêste principio fundamental:

O Sobrenaturalismo não existe, por que Deus está todo na Naturêza e a Naturêza toda em Deus.

Consulente: Domingos A. dos R. C.

Assassino!... Nunca!... A não ser de alguma pulga que lhe cáia debzixo d'unha.

A neurastenia espreita-o: se éla avançar para si, mate-a a golpes de força de vontade. Ahí está; fiz-lhe a vontade... assassine a neurastenia que ninguem o leva prêso.

Dedique-se á litteratura: estude os processos do romance moderno e trabalhe que ha de ganhar dinheiro pelas lêtras. Pêla maneira como se dissecou psicologicamente, vêjo que ha de ter habilidade para varrer com cuidado tôdos os escaninhos da alma humana.

Continue, mancebo, continue, trabalhe e, se o fizer honestamente, muito hão de ganhar com isso as letras patrias e o recheio da sua bolsa.

Consulente: Gertrudes M. M.

O seu filho, magrinho e doente, tornar-se ha, ao entrar na puberdade, robusto e forte, e fique certa que é grande a minha alegria por ser o portador dêste raio de sol ao seu coração de mãe.

De resto, pouco tenho a dizer-lhe: a consulente não será rica nem pobre, alegre nem triste, feliz nem infeliz; pésa-lhe na existencia a mais massadôra mediania que pode cair sobre um ente humano.

Vá vivendo que já não é pouco.

Consulente: Arthur B. C. B.

Egoismo, vaidade, espirito de imitação, amor do luxo, razão dominada pelos sentidos. Estas são, infelizmente, as qualidades caracteristicas do seu caracter.

Portugal Pittoresco



ESPINHO — Fabrica de conservas

Terá além destes predicados, outros não menos prejudiciaes, assim;

Será atrevido, temerario, pronto sempre a criticar o proximo.

Não lhe falta intelligencia, mas so-beja-lhe a falta de senso moral.

Emende-se, ou... ai de si!

G. C.

Os furtos em trens

Alguns exemplos

(Continuação)

Apenas a senhora se afastou para ir comprar os jornaes, aproximou-se da creada um rapaz luxuosamente vestido, dizendo-lhe:

— Perdão, minha senhora, cahiu-lhe ali o seu lenço. E baixando se immediatamente apanhou o lenço.

A creada agradeceu, sorrindo, mas

como tinha as duas mãos occupadas e precisava de pegar no lenço, collocou a maleta em cima do banco, voltando as costas ao cavalheiro, que se achava sentado. Immediatamente este tira de baixo da sobrecasaca uma maleta igual, e trocando-a pela da creada ficou muito tranquillo.

O individuo, porém, não sabia que aquella senhora já havia sido roubada em uma estrada de ferro, e que, portanto, já não viajava senão com todas as precauções. A referida mala achava-se presa ao cinturão da creada; esta, quando entendeu que devia ir ao encontro da patrão, sentiu que se achava presa, e que, ao mesmo tempo, um individuo que se afastava, a sustinha por um cordão. Era o gatu-no, que não reparara que a maleta estava presa ao cinto da creada.

O ladrão, sem dar tempo a que ninguem se apercebesse do caso, deixou cahir a mala e fugiu. O outro companheiro, o do lenço, nem sombrou.

Os ladrões de estradas de ferro, no

geral, apresentam-se bem vestidos, dão a impressão de perfeitos cavalheiros; são serviçais, sobretudo com as senhoras, e tem uma conversa e modos verdadeiramente captivantes.

Um dos processos mais frequentemente adoptado por taes individuos, é o da maleta sem fundo.

Realmente, um joven bem vestido, com uma maleta na mão, passeando de um lado para o outro, na plataforma, esperando que o comboio chegue, não tem nada de extraordinario. Succede porém, muitas vezes, que um sacco de mão, uma maleta, uma caixa, um pequeno embrulho, pousamol-o na plataforma enquanto abraçamos um parente, um amigo, ou esperamos o trem. Pois bem, esse joven, bem vestido, de optimo aspecto, vem, com a sua maleta sem fundo e colloca-a em cima de qualquer d'aquelles objectos, encobrendo-o. Em seguida faz uso de certas molas e estas interiormente prendem o objecto occulto pela maleta do ladrão.

Este, já se sabe, confiante na sua engenhosa maleta, pega n'ella e segue o seu destino, levando a presa apetecida, sem que ninguem dê por isso.

Ha um outro exemplo, que se deu ha pouco em Londres, e que demonstra até onde vac a habilidade d'esses artistas de estradas de ferro.

Uma senhora d'aquella grande capital ia passar alguns dias no campo. O marido acompanhou-a á estação. Levava n'um pequeno sacco as suas joias. Logo que chegou á plataforma escolheu um vagon, entrou e collocou no lugar junto a portinhola do lado opposto á estação o referido saquinho com as suas joias, papeis, dinheiro, etc. Deixara o lugar marcado e viera conversar com o marido que se acha-

FIGURAS DO PALCO



Angela Pinto



va na plataforma. Chegou a hora, deu o signal de partida, o trem poz-se em marcha quando a senhora deu por falta do seu sacco.

Poucos dias depois a senhora regressou a Londres, e, naturalmente, contou ao marido a occorrença. Immediatamente o esposo deu parte á policia, e o agente que se incumbiu do inquerito perguntou ao casal se, enquanto conversavam na plataforma ninguem se aproximára d'elles. «Creio que não»—disse a senhora. O marido porém, de melhor memoria, recordou-se, e respondeu ao agente:

d'este caso, pedir-lhe um grande favôr.

—Dirá!

—Quando fui chamado á casa do crime acabava de receber uma carta de minha mulher, que fóra ha três dias a Lewistown vêr meu sôgro que adoeçera subitamente. Nêssa carta pedia-me que fosse immediatamente têr com éla porque o pae piorára e se tornava necessária a minha presença afim de salvaguardar importantes interesses. Esta noite pois, apoz as pesquisas e as inquerições a que procedi dirigi-me á prefeitura e pedi ao chefe se dignasse concedêr-me licença para ir vêr meu sôgro, fazendo substituir neste negocio por um agente de confiança. A's primeiras palavras que proferi o meu superior franziu o sob'olho e atirou esta bala á queima roupa.

—O assunto, ainda que simples, parece-me delicado e demanda para o esclarecêr, um homem inteligente, pratico, experimentado. Nêste momento tenho tôdos os meus bons agentes a braços com tarefas das quaes os não posso distrair. Tenho muita pena mas não posso dispensal-o, a não sêr que...

—Que?!

—Que o nosso comum amigo, Esta-

—Sim, lembro-me que um joven se aproximou de nós, e perguntou onde se comprava bilhetes.

O agente não precisou ouvir mais nada.

O roubo fora levado a effeito por dois individuos. Um d'elles entrou em um qualquer vagon e desceu pelo lado opposto ao da estação. Foi caminhando pelo estribo até chegar á portinhola, junto á qual estava o sacco, tendo apenas de estender o braço para se apoderar d'elle.

Na occasião em que praticava o furto é que o outro perguntava aos dois esposos onde se comprava bilhetes, para os distrahir,

Estes casos devem servir de ensinamento prévio a quem viaja com valores nas estradas de ferro. Elles bastam para demonstrar a astucia e a habilidade dos gatunos que roubam viajantes.

D. P.

JAYME HESPAÑA

O CEGO

A' tarde, ao pôr do sol de cada dia,
Voltava de esmolar o pobresinho,
Trilhando de amargura mau caminho
Que o seu velho bordão buscando ia.

Tivera elle por bem só a alegria
Que Deus lhe dera, como ao passarinho
As penas dá logo ao sahir do ninho,
E na vida depois ampara e guia.

Ao vê-lo sempre alegre, sorridente,
Quiz saber porque estava elle contente
Co'a sorte de que tinha dô profundo.

Fallei-lhe; respondeu-me angustiado,
Contendo a dôr no peito já cançado:
—Sou cêgo, bem melhor, não vejo o
mundo!

12 — FOLHETIM DO "AZULEJOS,"

BASILIO JAX

ESTANISLAU SAM

(A Carteira d'um policia)

(Continuação)

CAPITULO IV

Quem matou o velho ?

Alem disso pareceu-me que o agente procurára mal, vira pessimamente, dêra importancia de mais a circumstancias insignificantes e desprezára, por futeis, factos e coisas que se me afiguram de enorme importancia. Mas, afinal, que tinha eu com isso, êle é que dirigia o barco, êle que o levasse a pôrto seguro.

—Meu caro Sam, disse o inspector, agradeço-lhe as amaveis palavras e creio bem que o caso é simples, a verdade porem é que desêjo, a proposito

nislau Sam queira substituil-o. Sam não é um agente official, é um amator um curioso, vale porem êle só por uma brigada dos nossos melhores e mais habeis policiaes. Alem disso tem, e merece-o, um diploma ministerial que o autorisa a exercêr e...

—A's 4 e 45 da madrugada, disse eu, tem o meu amigo um comboio semirapido de Pennsylvania Eailroad que depressa o levará a Lewistown. Va arranjar a mala... vamos... parta... não se demore.

—Oh meu querido Sam como heide agradecer-lhe...

—Facilmente: no regresso traze-me um cêsto de péras de Lancaster (são magnificas, não imaginas) e a noticia, para mim agradabilissima, que seu sôgro, ao passar desta para melhor vida (no pior caso, já se entende) deixou a sua mulher os milhares de dollars suficientes para o sr. abandonar esta vida d'agruças, trabalhos e sacrificios.

—Muito obrigado. Quer mais esclarecimentos sobre o crime?

—Sei bastante!

—Ah! E o punhal?

—Já cá o tenho. Agora vá-se, gire,

A Ideia do Sr. Trincart

(Continuação)

Jantou no club, como tinha dito, foi tomar ar, voltou pelas onze horas e aproximou-se da mesa do *baccarat*, onde começou de apontar com toda a força.

No mesmo instante em que começou de dar a meia noite, ouviu uma voz muito sua conhecida que dizia:

— Jogo vinte e cinco luizes deste lado.

— Grangemont, exclamou Trincart.

O outro gritava ao mesmo tempo:

— Trincart! Trincart!

Hesitaram um instante.

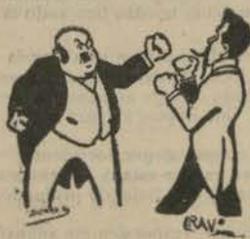
Nesse curto intervalo, ambos tremiam como varas verdes. Foi como um relâmpago que passou.

Consideraram-se tão lubriados um e outro, que o medo cedeu o lugar á colera.

— Isto é depois, disseram ambos ao mesmo tempo, dando o passo um para o outro, com grande espanto dos circunstantes que pensaram, que se iam bater.

— Patife gritava Grangemont.

— Ladrão! rugia Trincart.



— Ladrão!...

— Assassino!

desapareça, você... e não se esqueça das péras.

E dizendo isto empurrei-o para fóra do quarto entregando o ás mãos do meu fiel criado que o conduziu á porta da rua.

Um minuto depois ouvi rodar uma carruagem; era o inspector que partia barulhando de certo no cerebro o crime, os dollars do sógro, e as péras de Lancaster.

Eu estava contentíssimo mas o homensinho não o percebeu. Afagava-me a vaidade desembulhar a meada que a todos parecia simples e que eu reputava complicadíssima. Comecei mesmo a traçar um plano de campanha mas nisto a natureza reivindicou os seus direitos e adormeci como um abade.

Acordei ás sete da manhã, alegre, satisfeito, pronto a...

Neste momento a carruagem parou em frente da porta principal do Lexington Avenue Opera House e Sam, cortando abruptamente a narrativa exclamou:

— Logo te contarei o resto.

Depois baixou o vidro da frente e disse ao côcheiro em voz baixa:

— Salteador!

A' medida que distribuiam estas palavras amenas, iam-se aproximando um do outro.

— O que você quer sei eu! Você é um tratante mais infame que existe, disse Trincart.

— Já se vê! Accusa-me da sua má acção, quando foi elle que inventou isto tudo.

E sem dizerem mais nada, foram um para o outro, agarraram-se pelo pescoço e abalaram-se com uma furia immensa, gritando, insultando se e, tentando morder-se. Nunca se tinha visto uma coisa assim.

Conseguiram separal-os por um instante, mas elles deitaram-se outra vez um ao outro e deram se quatro soccos mais valentes que se tem visto dar em Paris ha vinte annos a esta parte.

— Uma espada! uma espada! dizia Grangemont, estrebuchando.

— A' pistola, ac sabre! seja que arma fôr! repetia Trincart.

Tiveram apenas o sangue frio preciso para nomearem as testemunhas. Ambos queriam um duello de morte. Logo de madrugada partiram para o bosque de Vinnanes.

Escolheram a espada. Puzeram-se em guarda, ou antes ficaram-se um defronte do outro, rangendo os dentes como doidos. Afinal lançaram-se para a frente, viram-se brilhar dois relampagos e cahiram um ao lado do outro.

— Ladrão! rosnou Trincart.

— Assassino! disse Grangemont com o ultimo suspiro.

E morreram ambos.

VII

Naquella mesma tarde todos os jornaes deram a noticia d'este terrivel

— A' porta do palco.

O carro seguiu a passo, voltou a esquina, entrou na terceira Avenida, voltou á rua 59 E e parou a breve trêcho.

Apeiamos-nos rapidamente. Sam voltou-se para o nosso automedonte e murmurou umas palavras para mim ininteligíveis.

Em seguida enfiámos por uma portinha estreita que dava para um pequeno vestibulo, sujo, mal cheiroso e pesadamente iluminado.

O porteiro, um velhinho baixo e repugnante, vestido d'azul e agalado d'ouro, levantou-se quando nos aproximámos.

— Serviço especial da prefeitura de policia, disse Sam mostrando ao homem um cartão cheio de garatujas.

O corpo do porteiro dobrou-se como um vime ao rijo sópro do vendaval, tirou respeitosa e o sebento barrete que encobria um cranio glabro e reluzente como um espelho, e, querendo esboçar um sorriso, nada mais fez do que unir as commissuras dos labios com os lolubos das orêllhas e a ponta o nariz com a extremidade do pontagudo queixo. Era horrendo assim.

duello. Santo-Estevam feu-a, esfregou os olhos, limpou os vidros da luneta e continuou a leitura.

— Isto não pode ser, estou a sonhar, não estou em mim!

Trincart! mortos! mortos ambos! Tra-la-ra-la-la. Morreram, morreram ambos! Aquelles dois salteadores! Tra-la-ra-la-la.

E poz-se a cantar com toda a força.

Agora já posso sahir e fallar alto, fazer bulha nos cafés nos restaurantes e encher a sua sósinho. Canta, canta a tua redempção. Posso agora comer tudo o que eu quizer.

Já vai para dezoito mezes que jejio Tra-la-ra-la-la. E é para já, vou ao café inglez, vou comer por quatro, mandando assar um peru recheado... e como-o todo.

E a cantarolar foi para o restaurante, mandou preparar um banquete para um regimento e sentou-se á meza, ás sete horas, sosinho.

Quando eram onze horas ainda lá estava. Havia comido o peru todo e bebido seis garrafas de vinho de Bordeaux.

Quando se quiz ir embora, tiveram que o levar em braços. Ao entrar em casa, Santo-Estevam estava tão recheado que morreu de indigestão.

Os tres foram enterrados no mesmo dia.

FIM

CAMILE DEHANS

POSTA RESTANTE

M. Chagas. A carta ao tal doutor perdeu se, queira pois manda-la outra vez que lh'a publicaremos.

Sorrime, Sam nem o viu: subia agora a pequena escada que nos ficava em frente e havia retomado o seu feitio, sério, enigmatico, especial. Afivelára no rosto a sua mascara de policia. Parecia uma esfinge caminhando num deserto e dirigindo-se ao infinito em viagem de recreio. Eu seguia-o um pouco maquinaalmente e desconfiando que o meu amigo Sam se esquecera por completo que ia atraz dêle. Ao alto da escada existia uma pequena porta que ao ser aberta pelo meu amigo gemeu tão melancolica e lugubrememente que, ao meu espirito, sobrecarregado havia algumas horas de coisas tragicas e extraordinarias, e se apresentou de repente a imagem do velho Edgard assassinado por um malfetor desconhecido e gemendo e soltando um ultimo suspiro analogo ao gemer dos gonzos d'aquella porta.

Este pesadello, portem, foi rapido e transposto o limar, achamo-nos em pleno palco, num intervalo d'acto e no momento da grande faina que é sempre uma mutação de scena que deve ser feita com rapidez e precisão.

(Continua)

CURIOSIDADES

Cogula—8, Frasqueiro, Frasqueira—9, Tripé—10, Atado—11, Carambola—12, Ajandroal.

Um calculo interessante—Um relógio espanhol, cujo nome nos não recorda averiguou, que as rodas d'um relógio dão respectivamente, durante um anno o seguinte numero de voltas:

Roda da corda 460; roda do centro 8760; roda terceira 70.080; roda quarta 525.600 e finalmente a do escape 731.860.

O tabaco e as crianças de mama.
As mulheres esquimós, raras vezes desmamam os seus filhos antes dos quatro ou cinco annos, acostumando os porém assim que tem dez a doze mezes a mamar tabaco.

O costume esquimó, commum em ambos os sexos de fumar e mascar tabaco data, segundo parece, de ha muitos annos e nada indica que dê resultados perniciosos.

Quadras vermelhas

XI

Derrubai a tyrannia
Em favor da Humanidade,
Que já não vem longe o dia
Da vossa Felicidade.

XII

Aos bondosos productores,
Dirijo a minha canção:
Cantae, cantae cavadores
O hymno da Revolução!

ELMINO.

Semana Alegre

Estava no pulpito um prégador que fazia constantemente citações latinas. Um ouvinte, collocado a pequena distancia do pulpito, querendo mostrar emdição, repêtia a cada momento:

«Aquellas palavras são de Santo Agostinho.

Aquellas de S. Matheus... Aquella sentença vem na escriptura sagrada.

O prégador, perdendo por fim a paciencia, exclamou:

—Cala a bocca, estúpido!

—Aquillo agora é d'elle, repetiu immediatamente o importuno interruptor, apontando para o padre.



QUAL É A COISA

QUAL É ELLA?

Decifrações

—Do numero 71.

1, Samo—2, Marido—3, Dádo—4, Canario—5, Almacega—6, Nuvem—7, Cogulo,

Campião do n.º 71 Doisémes

Lista dos decifradôres do n.º 71

Doisémes. 12—Joanes Matus, 11—Mac-Illerno, 11—Alfredo Mello, 10—Mularco, 10—Claudio Figuras, 10—Miss White, 9—Lord Niger, 9—Olho da Providencia, 8—Oratorina, 8—João d'Aldeia, 7—A nove, 7—Petit Oravan, 7—Lyroso, 7—Um conimbricense, 6—Um estremocense, 5—Na prumada. 2.

Charadas

Em phrase

1

Quem quizer passar na ponte, tem de pagar, dando uma nota e um tecido=2—1.

LUNA

Novissimas

2

A favor do homem, mando os guardadores de gado=1—2.

JORGE MARTINHO CLARO

3

1.ª + 3.ª = nas aves.
2.ª + 1.ª = melhor.
3.ª + 1.ª = liquido.
4.ª + 1.ª = homem.

RIÓGOKO

4

Transpostas

Canoa=4.

ZÉ QUITOLES

5

Adicionadas

Esta planta=2
—bri=
E' animal=3.

RIÓGOKO

Enygmas

Typographicos

6

PA PA PA

500

100 TERRA

DURAZIO

Por iniciaes

7

H A D C V D V

2 4 2 2 2 1 2

CAROCHA

8

Maçadas geographicas

Formar o nome d'uma terra portugueza com as letras da seguinte phrase:

DEIXE CEO

UM ESTREMOCENSE.

JANUARIO & MOURÃO

Ourivesaria e relojoaria

Grande quantidade de artigos em estojos proprios para brindes, desde 1\$000 réis, joias com brilhantes usados, ouro e prata a peso.

Importação directa das fabricas

Preço fixo

Rua da Palma, 86, 88, 90, 92 e 92 A



GATO PRETO

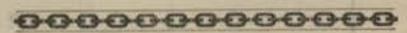
R. S. Nicolau (esquina da R. do Crucifixo)

Lindissimos objectos para brindes

Caracteristicos e originaes modelos em LOUÇA DAS CALDAS

Artigos de pintura

Tintas a oleo d'aguarella e pastel. Vernizes, telas, pinceis, papeis e todos os artigos proprios.



JULIO G. FERREIRA & C.ª



Fornecedores da Casa Real

82 — RUA DA VICTORIA — 88

Exposição permanente

166 — RUA DO OURO — 170

Instalações completas para agua gaz e electricidade Grande sortido de lustres em todos os generos



